

Prefácio

*(...) o homem do mundo é mais frágil do que perverso. Jesus**

Caro(a) Leitor(a):

Pessoas existem, pertencentes a todos os setores da sociedade, defensoras da prática da eutanásia mais por desconhecimento das leis divinas do que por maldade.

Justificam seus pontos de vista invocando piedade frente aos atrozes sofrimentos alheios nos leitos de agonia e de padecimentos físicos.

No entanto, será permitido ao homem destruir o que não pode criar?

Buscando trazer, de forma resumida, o conteúdo da filosofia espírita a respeito de tal assunto, a Federação Espírita Brasileira

***(*Boa Nova*, psicografia de Francisco C. Xavier, pelo Espírito Humberto de Campos, cap. 26, 33. ed. FEB.)**

edita este livreto que ora se encontra em suas mãos.

Possam as páginas seguintes proporcionar a reflexão e o entendimento sobre o verdadeiro sentido da vida.

Participe também da Campanha *Em Defesa da Vida*.

Esclareça-se e diga não à eutanásia!

Enfoque da Codificação Espírita

Questão 953. Quando uma pessoa vê diante de si um fim inevitável e horrível, será culpada se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos, apressando voluntariamente sua morte?

É sempre culpado aquele que não aguarda o termo que Deus lhe marcou para a existência. E quem poderá estar certo de que, malgrado às aparências, esse termo tenha chegado; de que um socorro inesperado não venha no último momento?

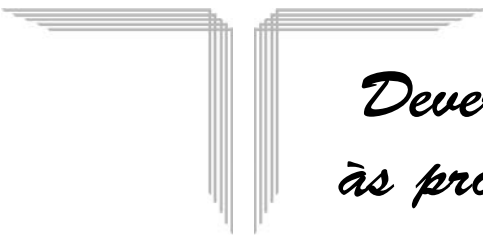
a) Concebe-se que, nas circunstâncias ordinárias, o suicídio seja condenável; mas, estamos figurando o caso em que a morte é inevitável e em que a vida só é encurtada de alguns instantes.

É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador.

b) Quais, nesse caso, as consequências de tal ato?

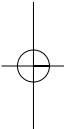
Uma expiação proporcionada, como sempre, à gravidade da falta, de acordo com as circunstâncias.

(O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, 1. ed. especial, FEB.)



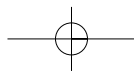
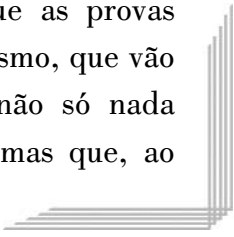
Dever-se-á pôr termo às provas do próximo?

Deve algum pôr termo às provas do seu próximo quando o possa, ou deve, para respeitar os desígnios de Deus, deixar que sigam seu curso?

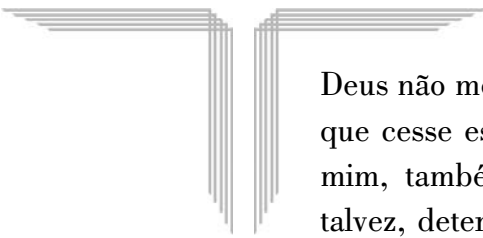


Já vos temos dito e repetido muitíssimas vezes que estais nessa Terra de expiação para concluídes as vossas provas e que tudo que vos sucede é consequência das vossas existências anteriores, são os juros da dívida que tendes de pagar. Esse pensamento, porém, provoca em certas pessoas reflexões que devem ser combatidas, devido aos funestos efeitos que poderiam determinar.

Pensam alguns que, estando-se na Terra para expiar, cumpre que as provas sigam seu curso. Outros há, mesmo, que vão até ao ponto de julgar que, não só nada devem fazer para as atenuar, mas que, ao



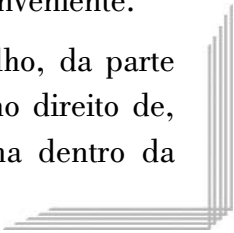
contrário, devem contribuir para que elas sejam mais proveitosas, tornando-as mais vivas. Grande erro. E certo que as vossas provas têm de seguir o curso que lhes traçou Deus; dar-se-á, porém, conheçais esse curso? Sabeis até onde têm elas de ir e se o vosso Pai misericordioso não terá dito ao sofrimento de tal ou tal dos vossos irmãos: Não irás mais longe? Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo da consolação para fazer cicatrizar as chagas que a sua justiça abriu? Não digais, pois, quando virdes atingido um dos vossos irmãos: E a justiça de Deus, importa que siga o seu curso. Dizei antes: Vejamos que meios o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. Vejamos se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais energia, paciência e resignação. Vejamos mesmo se



Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer que cesse esse sofrimento; se não me deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz.

Ajudai-vos, pois, sempre, mutuamente, nas vossas respectivas provações e nunca vos considereis instrumentos de tortura. Contra essa idéia deve revoltar-se todo homem de coração, principalmente todo espírita, porquanto este, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. Deve o espírita estar compenetrado de que a sua vida toda tem de ser um ato de amor e de devotamento; que, faça ele o que fizer para se opor às decisões do Senhor, estas se cumprirão. Pode, portanto, sem receio, empregar todos os esforços por atenuar o amargor da expiação, certo, porem, de que só a Deus cabe detê-la ou prolongá-la, conforme julgar conveniente.

Não haveria imenso orgulho, da parte do homem, em se considerar no direito de, por assim dizer, revirar a arma dentro da

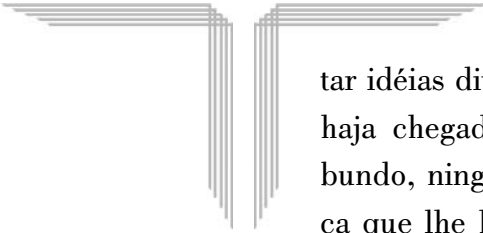


ferida? De aumentar a dose do veneno nas vísceras daquele que está sofrendo, sob o pretexto de que tal é a sua expiação? Oh! considerai-vos sempre como instrumento para fazê-la cessar. Resumindo: todos estais na Terra para expiar; mas, todos, sem exceção, deveis esforçar-vos por abrandar a expiação dos vossos semelhantes, de acordo com a lei de amor e caridade. *Bernardino*, Espírito protetor. (Bordéus, 1863.)

Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura?

Um homem está agonizante, presa de cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado é desesperador. Será lícito pouparem-se-lhe alguns instantes de angústias, apressando-se-lhe o fim?

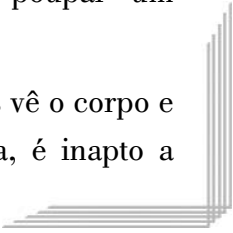
Quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir o homem até à borda do fosso, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e alimen-



tar idéias diversas das que tinha? Ainda que haja chegado ao último extremo um moribundo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe haja soado a hora derradeira. A Ciência não se terá enganado nunca em suas previsões?

Sei bem haver casos que se podem, com razão, considerar desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, existe a possibilidade, atestada por inúmeros exemplos, de o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanimar-se e recobrar por alguns instantes as faculdades! Pois bem: essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância. Desconheceis as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento.

O materialista, que apenas vê o corpo e em nenhuma conta tem a alma, é inapto a



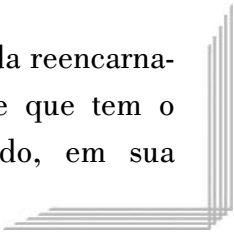
compreender essas coisas; o espírita, porém, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Minorai os derradeiros sofrimentos, quanto o puderdes; mas, guardai-vos de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro. *S. Luís.* (Paris, 1860.)

(*O Evangelho segundo o Espiritismo*, Allan Kardec, cap. V, itens 27 e 28, 1. ed. especial, FEB.)



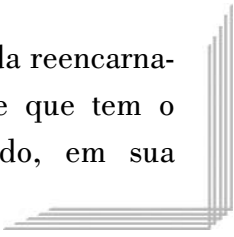
Sobre a vida

A eutanásia leva o sofredor, os familiares, o médico e os assistentes à falsa noção de piedade, de caridade, de amor.



É importante entender que o sofrimento, no final da vida na Terra, seja pela doença incurável, seja pelo desgaste natural do corpo físico, é uma das formas de aproveitamento do Espírito em contato com a matéria, resgatando faltas, ou progredindo através do sacrifício. Em mundos de provas e expiações como o nosso, muitas vezes a lei divina mede o resultado de uma encarnação através dessa prova final, na qual o Espírito comprova, pela paciência, pela resignação e pela fé o proveito de toda uma existência.

Cortar uma vida no final da reencarnação é suprimir a oportunidade que tem o Espírito de superar-se, levando, em sua



volta ao Mundo Espiritual, a condição de vencedor.

Todas as formas de vida na Terra, compreendendo a dos seres humanos, têm sua razão de ser regidas por um Poder Maior. A *vida* é um dom para ser usado na evolução. Assim como o homem não tem o poder de criar esse dom, também não tem o direito de suprimi-lo a seu talante. Às leis naturais ou divinas cabe dispor sobre a criação e a supressão a vida.

A filosofia materialista, que só percebe as leis que regem a matéria, causa um grande mal à Humanidade e às ciências sob sua influência, ao propor soluções que primam por não levar em conta a existência do Espírito e os seus interesses.

JUVANIR BORGES DE SOUZA

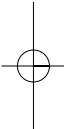
(Reformador, janeiro de 1994, p. 4.)



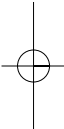
Condenação à eutanásia

A eutanásia é um bem, nos casos de moléstia incurável?

O homem não tem o direito de praticar a eutanásia, em caso algum, ainda que a mesma seja a demonstração aparente de medida benfazeja.

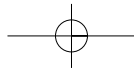
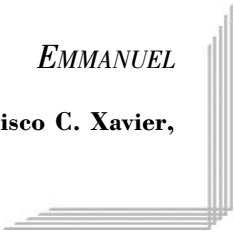


A agonia prolongada pode ter finalidade preciosa para a alma e a moléstia incurável pode ser um bem, como a única válvula de escoamento das imperfeições do Espírito em marcha para a sublime aquisição de seus patrimônios da vida imortal. Além do mais, os desígnios divinos são insondáveis e a ciência precária dos homens não pode decidir nos problemas transcendentais das necessidades do Espírito.



EMMANUEL

(O Consolador, psicografia de Francisco C. Xavier, pergunta 106, 25. ed. FEB.)



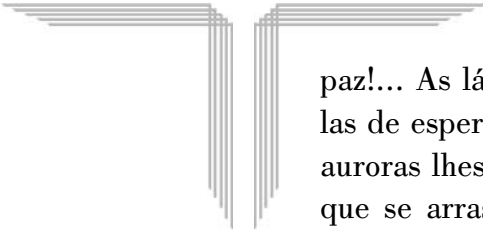
Junto a um leito de dor

.....
Felizes da Terra! Quando passardes
ao pé dos leitos de quantos atravessam pro-
longada agonia, afastai do pensamento a
idéia de lhes acelerardes a morte!...

Ladeando esses corpos amarrotados e
por trás dessas bocas mudas, benfeitores do
plano espiritual articulam providências,
executam encargos nobilitantes, pronunciam
orações ou estendem braços amigos!

Ignorais, por agora, o valor de alguns
minutos de reconsideração para o viajor que
aspira a examinar os caminhos percorridos,
antes do regresso ao aconchego do lar.

Se não vos sentis capacitados a ofere-
cer-lhes uma frase de consolação ou o socor-
ro de uma prece, afastai-vos e deixai-os em



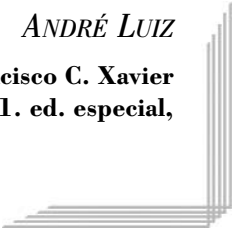
paz!... As lágrimas que derramam são pérolas de esperança com que as luzes de outras auroras lhes rociam a face!... Esses gemidos que se arrastam do peito aos lábios, semelhando soluços encarcerados no coração, quase sempre traduzem cânticos de alegria, à frente da imortalidade que lhes fulgura do Além!...

Companheiros do mundo, que ainda trazeis a visão limitada aos arcabouços da carne, por amor aos vossos sentimentos mais caros, dai consolo e silêncio, simpatia e veneração aos que se abeiram do túmulo! Eles não são as múmias torturadas que os vossos olhos contemplam, destinadas à lousa que a poeira carcome... São filhos do Céu, preparando o retorno à Pátria, prestes a transpor o rio da Verdade, a cujas margens, um dia, também vós chegareis!...

.....

ANDRÉ LUIZ

(Sexo e Destino, psicografias de Francisco C. Xavier e Waldo Vieira, cap. 7, p. 272-273, 1. ed. especial, FEB.)



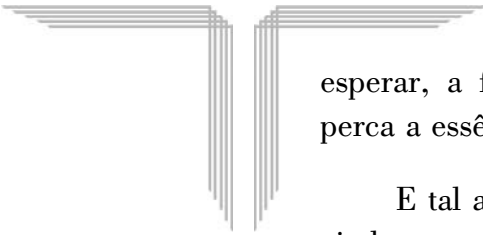
Sofrimento e eutanásia

Quando te encontrares diante de alguém que a morte parece nimbar de sombra, recorda que a vida prossegue, além da grande renovação...

Não te creias autorizado a desferir o golpe supremo naqueles que a agonia emudece, a pretexto de consolação e de amor, porque, muita vez, por trás dos olhos baços e das mãos desfalecentes que parecem deitar o último adeus, apenas repontam avisos e advertências para que o erro seja sustado ou para que a senda se reajuste amanhã.

Ante o catre da enfermidade mais insidiosa e mais dura, brilha o socorro da Infinita Bondade facilitando, a quem deve, a conquista da quitação.

Por isso mesmo, nas próprias moléstias reconhecidamente obscuras para a diagnose terrestre, fulgem lições cujo termo é preciso



esperar, a fim de que o homem lhes não perca a essência divina.

E tal acontece, porque o corpo carnal, ainda mesmo o mais mutilado e disforme, em todas as circunstâncias, é o sublime instrumento em que a alma é chamada a acender a flama de evolução.

É por esse motivo que no mundo encontramos, a cada passo, trajes físicos em figurino moral diverso.

Corpos santuários...

Corpos oficinas...

Corpos bênçãos...

Corpos esconderijos...

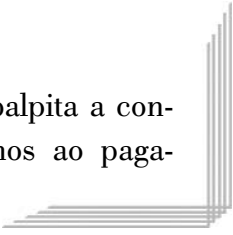
Corpos flagelos...

Corpos ambulâncias...

Corpos cárceres...

Corpos expiações...

Em todos eles, contudo, palpita a concessão do Senhor, induzindo-nos ao paga-



mento de velhas dívidas que a Eterna Justiça ainda não apagou.

Não desrespeites, assim, quem se imobiliza na cruz horizontal da doença prolongada e difícil, administrando-lhe o veneno da morte suave, porquanto, provavelmente, conhecerás também mais tarde o proveitoso decúbito indispensável à grande meditação.

E usando bondade para os que atravessam semelhantes experiências, para que te não falte a bondade alheia no dia de tua experiência maior, lembra-te de que, valorizando a existência na Terra, o próprio Cristo arrancou Lázaro às trevas do sepulcro, para que o amigo dileto conseguisse dispor de mais tempo para completar o tempo necessário à própria sublimação.

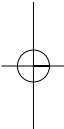
EMMANUEL

(Religião dos Espíritos, psicografia de Francisco C. Xavier, p. 59-60, 17. ed. FEB.)

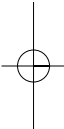


Expição

Considerando que a vida no corpo só se justifica para o Espírito se se levar em conta a necessidade que tem de evoluir, até ao ponto de não mais estar sujeito à esteira extensa das reencarnações, é de boa oportunidade transcrever-se também o caso em frente, narrado no mesmo livro de Adelino (*Chico de Francisco*, Adelino da Silveira, 1. ed. Editora Cultural União, págs. 54-55.)

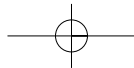
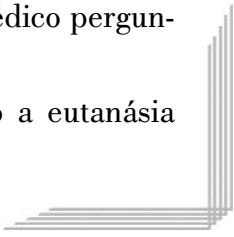


Chico visitou durante muitos anos um jovem que tinha o corpo totalmente deformado e que morava num barraco à beira de uma mata. O estado de alienado mental era completo. A mãe deste jovem era também muito doente e o Chico a ajudava a banhá-lo, alimentá-lo e a fazer a limpeza do pequeno cômodo em que moravam.



O quadro era tão estarecedor que, numa de suas visitas em que um grupo de pessoas o acompanhava, um médico perguntou ao Chico:

Nem mesmo neste caso a eutanásia seria perdoável?



Não creio, doutor, respondeu-lhe o Chico. Este nosso irmão, em sua última encarnação, tinha muito poder. Perseguiu, prejudicou e com torturas desumanas tirou a vida de muitas pessoas. Algumas o perdoaram, outras não e o perseguiram durante toda a sua vida. Aguardaram o seu desencarne (*sic*) e, assim que ele deixou o corpo, eles o agarraram e o torturaram de todas as maneiras durante muitos anos. Este corpo disforme e mutilado representa uma bênção para ele. Foi o único jeito que a Providência Divina encontrou para escondê-lo de seus inimigos. Quanto mais tempo agüentar, melhor será. Com o passar dos anos, muitos de seus inimigos o terão perdoado. Outros terão reencarnado. Aplicar a eutanásia seria devolvê-lo às mãos de seus inimigos para que continuassem a torturá-lo.

E como resgatará ele seus crimes?
Inquiriu o médico.

O Irmão X costuma dizer que Deus usa o tempo e não a violência.

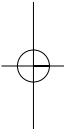
WEIMAR MUNIZ DE OLIVEIRA

(Reformador, outubro de 1994, p. 297.)

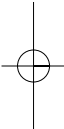


Ante moribundos

Quando o homem compreender, em toda a sua magnitude, o fenômeno da morte e o conseqüente despertar do Espírito, poderá contribuir de maneira eficiente para o despredimento dos moribundos no seu leito de agonia. (...)

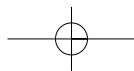
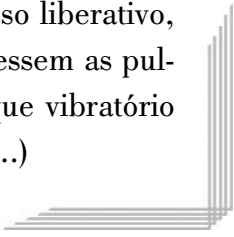


Os minutos ou horas que precedem à desencarnação se revestem de muita significação para o ser em preparativos para seguir à Espiritualidade.



O afrouxamento dos laços perispirituais e conseqüente desfazimento deles ocorrem entre sensações e emoções complexas que variam de criatura para criatura, conforme o grau evolutivo que cada qual haja logrado.

Desse modo, deve transcorrer em clima de paz ambiente o processo liberativo, para que, no instante em que cessem as pulsações orgânicas, nenhum choque vibratório atinja o recém-desencarnado. (...)



O ambiente de harmonia, saturado de vibrações benéficas, contribui efetivamente para tornar ameno e compensador o momento da morte, mesmo para os que não se souberam utilizar, quanto deveriam, dos tesouros da vida, facultando que sobre eles os afetos espirituais possam exercer ação benéficas e até impeditivas da loucura e dos pesadelos cruéis que a muitos assaltam...

(...) Aja-se, portanto, ante os que se estão desprendendo, com dignidade e amor. (...)

Antes de pensar em si, aquele que fica, se realmente ama, pense em quem segue e ajude-o, a fim de que mais rapidamente possa tê-lo de volta para o convívio espiritual, e, desse modo, se prepare, por sua vez, para a própria viagem que em breve ocorrerá, quando se reunirá a esse afeto, então sem mais angústia nem adeus...

MANOEL P. DE MIRANDA

(*Temas da Vida e da Morte*, psicografia de Divaldo P. Franco, p. 73 a 76, 4. ed. FEB.)



Eutanásia, nunca!

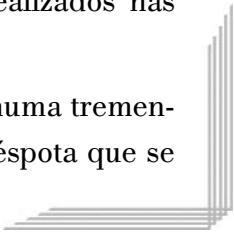
As enfermidades são resultado do estágio primevo da evolução em que a Terra se encontra.

Por isso, realizam o seu mister invitando a criatura ao estudo da fragilidade carnal, de modo a entender e respeitar-se como ser espiritual que é, em aprendizagem temporária na escolaridade terrena.

Cada instante de vida de um paciente é-lhe valioso, porque lhe pode constituir chamamento para despertar os sentimentos mais elevados, dando-se conta dos objetivos essenciais da existência.

Outrossim, os sucessos felizes ou inditosos que têm curso nas vidas são efeito inevitável dos atos pretéritos realizados nas reencarnações passadas.

Este homem, hibernado, numa tremenda alienação mental, é antigo déspota que se

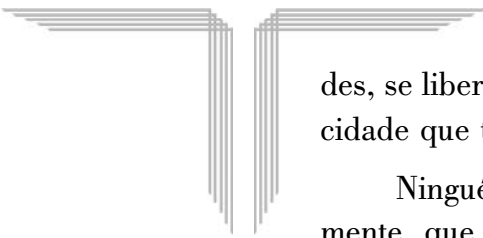


utilizou da vida para infelicitar e afligir, ora expiando em injunção educativa os delitos perpetrados...

Esse padecente, em torpe imobilidade, com os centros mentais motores lesados, é anterior suicida que pensou burlar a Lei, evadindo-se dos compromissos que assumira e que não quis sofrer...

Aquele, portador de cruel neoplasia maligna com metástase generalizada, em extremos de desespero, é o alucinado destruidor de vidas, que culminou a existência antiga em autocídio espetacular, e que ora resgata, repassando pelos caminhos antes percorridos com a insânia do orgulho e da prepotência...

Todos eles, ressalvadas algumas exceções de abnegados missionários que se entregam à dor para ensinar aos seus coevos como superá-la, os que experimentam largos desgastes na saúde estão em justo mecanismo reparador de que, resignados e humil-



des, se liberarão, demandando à paz e à felicidade que todos alcançaremos.

Ninguém está condenado irremissivelmente, que não usufrua as bênçãos da harmonia, quando regularizado o compromisso no qual falhou.


É de alta importância a libertação pelo dor ou através do sacrifício do bem que se pode produzir, do amor.

Não cabe, portanto, a ninguém, o direito de fazer cessar o processo do sofrimento por meio da eutanásia, mesmo porque a morte do corpo não anula o fenômeno da necessidade específica de cada um, nos múltiplos estágios do crescimento espiritual.

.....

VIANNA DE CARVALHO

(Reformador, dezembro de 1990, psicografia de Divaldo P. Franco, p. 377-378.)



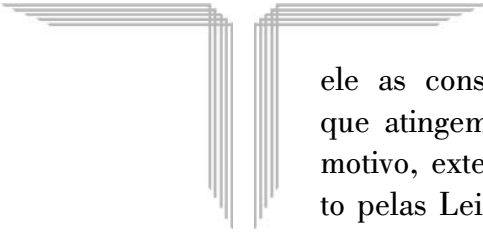
Espiritismo e eutanásia

Podem chover argumentos em favor da eutanásia, o que não impede, à luz redentora do Espiritismo, sejam os seus responsáveis assassinos que a Justiça do mundo nem sempre pune, mas que a de Deus registra, identificando-os na contabilidade divina, com vistas a dolorosos resgates, em amargas expiações no futuro, atenuadas, ou agravadas, pela Lei, segundo as suas motivações.

A eutanásia, em suma, é sempre uma forma de homicídio, pelo qual os seus autores responderão no porvir, em grau compatível com as suas causas determinantes.

Quem pratica a eutanásia, por melhores sejam as intenções, inclusive piedosas, comete crime de lesa-natureza, à vista do instinto de conservação inerente às criaturas de Deus.

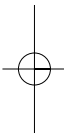
O espírita, na verdade, tem uma paisagem diferente, mais ampla, mais rica, para examinar o tema eutanásia, pois conhece



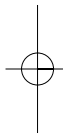
ele as conseqüências, morais e psíquicas, que atingem a quantos, por este ou aquele motivo, exterminam, antes do tempo previsto pelas Leis Divinas, a vida física dos seus irmãos de jornada terrena.

.....

Temos ciência, resultante do entendimento doutrinário-evangélico, de que a interrupção, pela eutanásia, de provas necessárias ao Espírito reencarnado prejudica-o, substancialmente.

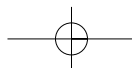



Vige, especificamente, uma conseqüência geradora de sofrimento, se a vítima não possui acentuado gabarito evolutivo: a demora na ruptura dos laços perispirituais que prendem a alma ao envoltório carnal, ocasionando problemas no após-morte.



.....

(O Pensamento de Emmanuel, Martins Peralva, p. 178-179, 7. ed. FEB.)



Eutanásia

.....
Somente a Deus, doador da vida, assiste o direito de tirá-la. Trata-se de direito indelegável.

Em nenhuma hipótese, pois, se justifica a eutanásia.
.....

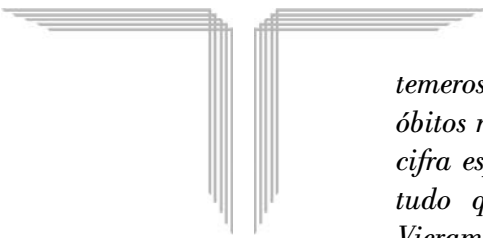
A desesperança e a descrença pregam, muitas vezes, as suas peças.

Paga-se muito caro, às vezes, pela falta de confiança e fé numa força superior.

É o que aconteceu com famoso médico francês, conforme está narrado no livro *Da Eutanásia* (Livraria Três Poderes, 1991, págs. 40/41), de autoria do Desembargador Pedro Soares Correia, meu colega e amigo.

Eis o fato:

Adoece, de uma feita, a vários quilômetros de Paris, formosa criança. Seu pai, médico, desvela-se em cuidados. Era, porém,



temerosa a moléstia, difteria. Ascendiam os óbitos naquela época, da terrível doença, à cifra espantosa de 99%. O pai valeu-se de tudo que possível para salvar a filha. Vieram os fenômenos asfíxicos. A cianose da face era, então, o sinal precursor da morte! Consultara, em desespero de causa, os colegas de Paris. Nenhuma resposta. Doía-lhe, ao infinito, o espetáculo da ansiedade sem cura da pobrezinha. Pensa, nesse instante, em abreviar o desfecho. Injeção de ópio muito forte que aliviasse tudo... Pensou e fez! Não falhou o tóxico. Vê, cedo, a serenidade definitiva...

Depois, o enterro, a volta do cemitério, o pranto, a saudade imensa e a sensação de um cruel dever cumprido... E quando, de súbito, lhe anunciaram um telegrama que dizia:

*Roux acaba de descobrir o soro antidi-
ftérico, aplicando-o com êxito. Aguarde
remessa...*

O exemplo é de uma realidade fla-
grante...

WEIMAR MUNIZ DE OLIVEIRA

(Reformador, outubro de 1994, p. 297.)

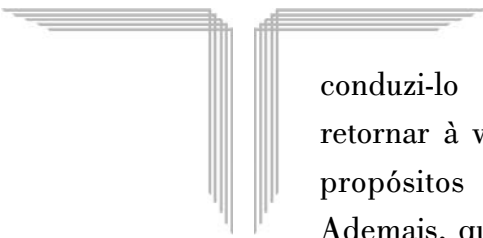


Não matarás

.....

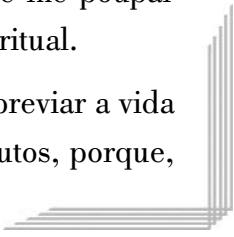
Inspirados por uma falsa piedade, há quem inflija a vítimas de doenças extremamente dolorosas ou a enfermos idosos e incuráveis o chamado golpe de misericórdia (também conhecido por chazinho da meia-noite), que consiste em pôr fim à angústia do padecente, administrando-lhe uma droga ou outro qualquer agente que lhe cause, seguramente, morte rápida e sem dor. Julgam, com isso, estar praticando uma ação moralmente boa, mas, na verdade, trata-se de um covarde homicídio, contrário, portanto, à lei de Deus.

Como nos diz S. Luís, em mensagem inserta no cap. V de O Evangelho segundo o Espiritismo, embora um moribundo haja chegado às vascas da agonia, quem pode afirmar, com plena certeza, que lhe haja soado a hora derradeira? Deus bem pode



conduzi-lo até esse estado e daí fazê-lo retornar à vida, para que alimente idéias e propósitos diferentes dos que tinha. Ademais, quantas e quantas vezes a Ciência há confessado o engano de suas previsões? Mesmo quando não exista a menor probabilidade de um regresso definitivo à saúde, há a possibilidade corroborada por inúmeros exemplos de o doente, antes de exalar o último suspiro, reanimar-se e recobrar por instantes o gozo de suas faculdades morais. Pois bem: essa hora de graça que lhe é concedida pode ser-lhe de grande importância. Às vezes, é nesse momento extremo que, entregando-se a profundas reflexões, ele dá-se conta dos erros e deslizes praticados durante todo o curso de sua existência e sente irromper em seu espírito um relâmpago de arrependimento, capaz de lhe poupar muitos sofrimentos na vida espiritual.

Guardemo-nos, pois, de abreviar a vida humana, ainda que seja de minutos, porque,



onisciente e infinitamente misericordioso,
Deus não é indiferente sequer à sorte de um
pardal e sabe e provê o que melhor convém
a cada um de nós.

**(O Sermão da Montanha, Rodolfo Calligaris,
p. 70-71, 15. ed. FEB.)**

